

Representatividade negra na literatura infantil: *conhecendo a história de Rosa Parks*

VEGARA, María Isabel Sánchez. **Rosa Parks**.

São Paulo: Catapulta, 2021.

Um dos vídeos que viralizaram nas redes sociais no Brasil durante 2019 foi compartilhado pela jornalista Maju Coutinho, e apresenta uma menininha negra, que, ao ver a imagem da apresentadora do Jornal Hoje, aponta para a televisão e diz “Olha o meu cabelo aqui!” (ORGULHOSAMENTE PRETO, 2019). Entre os numerosos comentários de internautas, uma palavra é recorrente: *representatividade*. De fato, acontecimentos como esse nos levam a refletir sobre a importância de referências para a construção da identidade das crianças negras e, pensando de forma ainda mais ampla, sobre como sensibilizar as crianças brancas para que, desde cedo, acolham e respeitem as diferenças étnico-raciais. Nesse sentido, a literatura infantil pode ser uma excelente aliada, estimulando o imaginário dos/das pequenos/as e mostrando que a singularidade de cada pessoa a torna especial. Entre as obras que favorecem esse tipo de discussão, destacamos *Rosa Parks* (2021), escrita pela barcelonesa María Isabel Sánchez Vergara.

Rosa Parks é um dos títulos que fazem parte da coleção *Gente pequena, grandes sonhos*, lançada pela editora Catapulta – originalmente, *Little people, big dreams*. Cada livro tem como título o nome de uma personalidade famosa que tenha deixado marcas positivas na História, em razão de sua ação em prol do bem comum. Algumas dessas pessoas são Anne Frank, Charles Darwin, Coco Chanel, David Bowie, Frida Kahlo, John Lennon, Madre Teresa, Mahatma Gandhi, Marie Curie, Mary Shelley e Stephen Hawking. Nomes brasileiros também já tiveram suas histórias incluídas na coleção, como o piloto Ayrton Senna e o rei do futebol Pelé.

Mas e quanto à *Rosa Parks*? De que forma a obra que leva o seu nome pode contribuir para que seja despertada a valorização da diversidade étnico-racial? Para viabilizar esse entendimento, antes de comentar sobre a obra literária, lembro que Rosa Louise McCauley (1913-2005) – o sobrenome Parks foi adotado depois de casada –, foi uma ativista norte-americana, que viveu nos Estados Unidos durante o período de segregação racial e cujas contribuições sociais estão diretamente ligadas à sua identidade negra.

A narrativa de *Rosa Parks* é constituída por frases curtas, mas carregadas de sensibilidade, o que torna a leitura ainda mais cativante. As ilustrações são da espanhola Marta Antelo, que utiliza muitas cores e detalhes para, junto da autora, expressar os sentimentos de Parks e representar os espaços por onde a protagonista circulava durante diferentes momentos de sua vida – sua casa, a rua, lugares públicos, seu trabalho, o ônibus, a prisão

e locais de entrevista. Inicialmente, Parks é apresentada como uma menina que vive no Alabama e é muito prestativa. Conhece a história de seus antepassados, que foram escravizados/as, tendo sido levados/as da África para a América com o objetivo de trabalharem em plantações de algodão; e percebendo a separação entre brancos/as e negros/as no cotidiano, mesmo que a escravidão já houvesse sido abolida, sentia-se incomodada, pois não havia igualdade entre as raças, o que a fazia ansiar por um futuro melhor. Embora o termo ‘segregação racial’ apareça na história somente na parte em que Parks já é adulta, as ilustrações reforçam o quão marcante é essa divisão, fazendo com que os/as pequenos/as leitores/as possam percebê-la com muita clareza. Nos espaços públicos, placas por todos os lados, demarcando quais bebedouros, portas, salas de espera e cabines de atendimento eram reservados a negros/as e quais eram reservados a brancos/as. Além disso, há no livro uma imagem em que um ônibus escolar passa carregando somente crianças brancas que, através das janelas, zombam das crianças negras.

Com relação a essa situação, destaco a importância da escola na vida das crianças negras desse período, dado o seu papel de transformar o pensamento de alunos/as que, muitas vezes, dentro dos seus próprios lares, aprendiam que sua raça e cultura eram inferiores. De acordo com a pensadora bell hooks¹ (1952-2021), que também vivenciou a segregação racial, ainda que mais tardiamente, a transição de uma escola exclusiva para negros à uma escola dessegregada foi muito difícil e sua sensação era a de que estava sendo condicionada a romper com os valores aprendidos até ali. Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017), hooks revela: “Levados de ônibus a escolas de brancos, logo aprendemos que o que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. A excessiva ansia de aprender era facilmente entendida como uma ameaça à autoridade branca” (hooks, 2017, p. 12).

O clímax do livro *Rosa Parks* se dá quando, já na vida adulta, ela vivencia uma situação desagradável: “Um dia, dentro do ônibus, Rosa se negou a ceder seu lugar a um senhor que disse que os assentos eram reservados a pessoas de sua cor” (VEGARA, 2021, p. 14). Rosa, que exercia a militância ainda mais intensamente após o seu casamento com Raymond Parks – ele defendia os mesmos ideais que ela – passou a noite na prisão, mas sua luta não acabou aí. Essa vivência triste foi o estopim para uma grande transformação liderada por ela.

As páginas seguintes trazem ilustrações que retratam o protesto da população negra. Indignados/as com o acontecido, decidiram que não usariam mais o ônibus, independente das condições climáticas, locomovendo-se a pé, de bicicleta ou dando carona de carro a outros/as. Por fim, a justiça reconheceu que Parks estava certa, e a batalha antirracista ganhou ainda mais força. “E como dizia a pequena Rosa sempre que alguém perguntava

a respeito: ‘Nunca tenha medo de fazer aquilo que é direito.’” (VEGARA, 2021, p. 23-24). Através de leituras como essa, familiares e professores/as de crianças negras podem ajudá-las na construção de uma imagem positiva de si, ao facilitarem o entendimento de que pessoas de sua raça, assim como todas as outras, podem assumir papéis de protagonismo, sendo heróis e heroínas tanto nos livros quanto na realidade.

Apesar de a Lei 30.639, vigente há mais de vinte anos, tornar obrigatório nas escolas o ensino de conteúdos voltados à história afro-brasileira, questões como *quando* e *de que modo* esse trabalho acontece precisam ser repensadas. Não são raras as instituições de ensino que resgatam a temática racial somente no dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. No caso de alunos/as a partir do Ensino Fundamental, o assunto é mais recorrente nas aulas de História, sendo que, muitas vezes, os/as negros/as são mencionados/as apenas na condição de escravizados/as, como se toda a trajetória dessa raça se resumisse à opressão. Se a todas as pessoas fosse oportunizada uma educação antirracista, certamente a sociedade pós-racial seria uma realidade muito próxima.

Por esse motivo é tão necessário incluir no cotidiano das crianças leituras que lhes permitam visualizar pessoas negras destacando-se pelo seu potencial. Às crianças negras, essa é uma forma de inspiração para o futuro, de reconhecer-se e projetar seus sonhos; às brancas, é a possibilidade de ver a figura negra sob nova perspectiva, não limitando-se a associações preconceituosas e superficiais entre negros/as e a subalternidade, abrindo-se para aprender com as diferenças. Em *Rosa Parks*, a protagonista não é brasileira, mas isso não impede que discussões sobre a desigualdade racial no Brasil sejam levantadas, e é interessante mostrar aos/as pequenos/as que existem resistências ao preconceito em outros lugares do mundo.

Como defende a pensadora nigeriana Chimamanda Adichie, em sua obra *O perigo de uma história única* (2019): “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22). Adichie relata que, durante a infância, acreditava que pessoas negras como ela não poderiam aparecer na literatura, já que personagens das obras britânicas que lia sempre eram brancos/as. A descoberta de escritores/as africanos/as foi a sua salvação para que não tivesse uma história única sobre os livros e, durante sua vivência, ainda na contemporaneidade, percebe o quão comum é encontrar pessoas que têm uma história única acerca da África.

Diante do exposto, obras infantis como *Rosa Parks* trazem contribuições valiosas, pois ensinam às crianças, desde os primeiros anos de vida, que todas as pessoas, independentemente da cor de pele, fazem parte de um todo. Não se trata da crença de que o protagonismo negro na literatura solucionará o racismo, mas do entendimento de que essa é uma possibilidade para que seja proporcionada uma reflexão sobre as formas de representação das pessoas negras e o que essas representações nos revelam sobre o funcionamento da sociedade.

Recebido em: 16/12/2024; Aprovado em: 30/01/2025.

Notas

- 1 Com o propósito de fazer os/as leitores/as prestarem mais atenção a suas ideias do que a sua pessoa, Gloria Jean Watkins optou pela grafia do seu pseudônimo em letras minúsculas – bell hooks.
- 2 Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

ORGULHOSAMENTE PRETO. Maju compartilha vídeo de criança que se identifica com seu cabelo: “Não dá para resistir”. YouTube, 25 de novembro de 2019. 00:44min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zV49IT8DfXQ>>. Acesso em: 30 dez. 2023.

VEGARA, María Isabel Sánchez. *Rosa Parks*. Tradução de Caroline Caires Coelho. São Paulo: Catapulta, 2021.

 LARISSA GERASCH²

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, Brasil.